

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

MARLENE GÔNGORA DOS SANTOS

CONTRIBUIÇÕES DO NEGRO NA FORMAÇÃO DO POVO
BRASILEIRO

CURITIBA
2015

MARLENE GÔNGORA DOS SANTOS

CONTRIBUIÇÕES DO NEGRO NA FORMAÇÃO DO POVO
BRASILEIRO

Trabalho apresentado como requisito parcial à conclusão do Curso de Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros –Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Marçal.

CURITIBA

2015

Aos meus pais in memoriam, aos meus filhos e netos, meu marido e todos aqueles que de alguma maneira tornaram esse trabalho possível...

“Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher, não estarei ajudando meus filhos a serem sérios justos e amorosos da vida e dos outros.”¹

Paulo Freire

¹ (Pedagogia da Indignação, 2000.)

RESUMO

Este trabalho analisa a influência cultural dos africanos no Brasil por meio de pesquisa bibliográfica. Na história brasileira observa-se a pluralidade decorrente da inter-relação dos escravos africanos e das pessoas advindas de outras etnias. Devido ao intercâmbio cultural existente em boa parte do período colonial brasileiro foi gerada uma cultura híbrida e intensamente rica. A partir deste fato, pode-se verificar que a cultura africana contribuiu, principalmente, na culinária, dança, religião, música e língua. Percebe-se que os africanos foram de extrema importância para a formação da identidade cultural afro-brasileira, haja vista que os escravos possuíam grande diversidade de ritos e costumes devido sua origem multifacetada constituída por diferentes etnias com idiomas e tradições distintas, pois eram oriundos de muitas regiões do continente africano. Na realidade brasileira, as pessoas originárias da África passaram a assimilar, interpretar e recriar costumes de outras culturas de forma a produzirem o sistema cultural híbrido constituinte da identidade do povo brasileiro.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. África. Afro - brasileira.

ABSTRACT

This paper analyses the cultural influence of africans in Brazil by means of a bibliographical research. In brasilian history we can observe the diversity coming from the interrelation of african slaves and people from other ethnicities. Due to the cultural exchange that happened in great part of brazilian colonial period, it was generated a hybrid and intensely rich culture. From this fact, we can verify that the african culture has contributed, mainly, to the cuisine, dance, religion, music and language. We can notice that africans were of extreme importance to the formation of african-brazilian cultural identity, since the slaves had great diversity of rites and customs due to its multifaceted origin built by different ethnicities with distinct languages and traditions, for they came from various regions of the african continent. In the brasilian reality, people coming from Africa began to assimilate, interpret and recreate customs from other cultures in such a way to produce the hybrid cultural system which builds the identity of the brasilian people.

Key words: Culture. Identity. Africa. African-brasilian.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. A CULTURA AFRO-BRASILEIRA.....	16
2.1 História.....	18
2.2 Evolução Histórica.....	20
2.3 Comunidade Quilombola.....	22
2.4 Religião.....	27
2.5 Candomblé.....	30
3. CAPOEIRA UMA ARTE SECULAR.....	35
4. CULINÁRIA AFRO-BRASILEIRA.....	44
4.1 Milagre para o governador tomar sopa.....	45
5. MÚSICA E DANÇA.....	48
6. O NEGRO E A EDUCAÇÃO NA BRASIL.....	52
7. LITERATURA.....	65
8. CONCLUSÃO.....	67
9. REFERÊNCIAS.....	73

1. INTRODUÇÃO:

Para compreender a cultura africana e sua influência para a formação do povo brasileiro devemos entender como tudo iniciou. Sabe-se que, constantemente em nossa história tudo começou a partir do tráfico negreiro. Naquela época, incontáveis africanos deixaram através da força sua terra natal e o continente que estavam habitando e foram trazidos ao Brasil para exercer um trabalho forçado, sem remuneração, escravizados sem piedade e desumanamente.

Observamos ainda, que existisse a compreensão que se não tivesse acontecido isso talvez o país não tivesse o desenvolvimento econômico que teve, pois no período colonial o negro sempre foi considerado “as mãos e os pés dos senhores de engenho porque sem eles no Brasil não é possível fazer, conservar e aumentar fazenda, nem ter engenho corrente” (ANTONIL, 1982, p.89). Assim, os escravos aprisionados nos engenhos acabaram mantendo sua cultura, o que lhes restava de lembrança de seu país, seu povo, sua raça, suas origens e acabaram recriando outras formas culturais ao entrarem em contato com outras raças e povos aqui instalados.

Quando trazidos da África, os negros se misturaram com outros negros de regiões diferentes de seu próprio país, o que fez com que desenvolvessem novas formas e hábitos culturais, pois ali, em seu continente, são cultivados vários hábitos e costumes devido à sua proporção geográfica. São diferentes na linguagem, nos hábitos de vestirem, nas comidas típicas, na crença, entre outros costumes peculiares. Dessa forma o negro desenvolveu no Brasil uma

formação cultural muito peculiar, e conseqüentemente, influenciaram diretamente aqueles que aqui habitavam.

Durante o período Monárquico a participação do negro na formação da raça, cultura e costumes do povo brasileiro foram muito além da participação econômica, pois foram implantando paulatinamente suas práticas, todos os rituais trazidos das diferentes regiões. Sua religião tomou força e acabou influenciando nos hábitos de nosso povo. Conforme explica VAINFAS (2001 p.66), “durante o período colonial, quase nada se sabia sobre a origem étnica dos africanos traficados para o Brasil. Porém, ao longo do período passou-se a designá-los a partir da região ou porto de embarque, ou seja, das áreas de procedência”.

Após leituras e esclarecimentos percebemos na origem do povo africano duas contribuições incalculáveis pelos seus hábitos e costumes, os Bantos e os Sudaneses. Os bantos foram assim, classificados devido à relativa unidade linguística dos africanos oriundos de Angola, Congo e Moçambique.

Percebemos ainda que Vainfas ressalta que:

Os povos bantos predominaram entre os escravos traficados para o Brasil desde o século XVII, concentrando-se na região sudeste, mas espalhados por toda a parte, inclusive na Bahia. (...) Os Bantos oriundos do Congo eram chamados de congo, muxicongo, loango, cabina, monjolo, ao passo que os de Angola o eram de massangana, cassange, loanda, rebolo, cabundá, quissamã, embaca, benguela. (VAINFAS, 200,p. 67)

Com tudo isso, observamos que os Bantos traziam consigo uma especificidade cultural destacada na linguística, em seus costumes, em sua região. Pelo fato de terem vivido no Brasil, um país respeitador das crenças católicas, acabaram sendo influenciadas pela mesma, porém, nem de longe deixaram de resguardar e praticar sua religião aqui.

Outros autores tais como Kavinajé demonstram que

Os bantos, depois de um período de autonomia religiosa, que se conhece através de documentos históricos, assistiram à transformação de deus cultos. Por um lado, esses deram lugar à macumba; por outro, amoldaram-se às regras dos candomblés nagôs, não se distinguindo deles senão por uma maior tolerância. Os cultos bantos em gradativo declínio acolheram os espíritos dos índios, o que iria levar ao surgimento de um “candomblé de caboclos”, e adoraram cantos em língua portuguesa, ao passo que os candomblés nagôs só usavam cantos em língua africana. (KAVINAJÉ, 2009, p. 3)

O segundo grupo, acima citado, os Sudaneses, advindos da África Ocidental, mais especificamente do Sudão e da Costa da Guiné, trouxe também grande contribuição para a cultura brasileira de uma forma positiva, principalmente através de sua prática religiosa, destacando o candomblé e seus escravos sudaneses.

Estes dois grupos maiores tiveram maior destaque na mistura de nossos costumes. Assim, passaram a ter sua cultura, religião e povos cruzados e miscigenados. Paiva destaca que:

Misturavam-se informações, assim como etnias, tradições e práticas culturais. Novas cores eram forjadas pela sociedade colonial e por ela apropriadas para designar grupos diferentes de pessoas, para indicar hierarquização das pessoas, para impor a diferença dentro de um mundo cada vez mais mestiço. Da cor da pele à dos panos que a escondia ou a valorizava até a pluralidade multicolor das ruas coloniais, reflexo de conhecimentos, migrantes, aplicados à matéria vegetal, mineral, animal e cultural. (PAIVA, 2001, p. 36)

Nota-se que o cruzamento cultural entre estes povos africanos propiciou a construção de uma identidade cultural brasileira, ou cultura afro-brasileira. Uma vez que, eles não temeram em "inventar códigos de comportamentos e de recriarem práticas de sociabilidade e culturais" (PAIVA 2001, p.23). Assim, este cruzamento foi resultado de um longo processo que propiciou uma riqueza cultural peculiar ao Brasil.

Conforme Paiva (2001, p.27), afirma o cruzamento cultural pode ser caracterizado como resultado da ligação entre universos afastados em continentes diferentes, que foram se ajustando e se adaptando sobrepondo-se de representações e práticas culturais.

Assim, a influência africana foi se tornando visível em vários seguimentos da sociedade colonial, tais como culinária, práticas religiosas, danças, dentre outros valores culturais que foram incorporados pela população brasileira.

Quantas "mães-pretas", amas de leite, negras cozinheiras e quitandeiras influenciaram crianças e adultos brancos (negros e mestiços também), no campo e nas áreas urbanas, com suas histórias, com suas memórias, com

suas práticas religiosas, seus hábitos e seus conhecimentos técnicos? Medos, verdades, cuidados, forma de organização social e sentimentos, senso do que é certo ou errado, valores culturais, escolhas gastronômicas, indumentárias e linguagem, tudo isso se conformou no contato cotidiano desenvolvido entre brancos, negros, indígenas e mestiços na Colônia”. “a nossa herança cultural africana é visível no jeito de andar e no falar do brasileiro” (FREYRE 2001, p.343 e 346)

Freyre expõe em sua obra, a formação e influencia do afrodescendente para a cultura brasileira em seus costumes. Sua influência na música, na dança, na alimentação, nas crenças religiosas, nas lendas, nas superstições, enfim, influenciam diretamente nos costumes e na cultura de nosso povo. Sua raça por meio da forma de ser conseguiu afetar e, por muitas vezes, implantar seus costumes nos pequenos e até mesmo nos grandes colonizadores da época colonial. Mas, podemos observar até os dias de hoje, como preservam e cultuam seus costumes e hábitos quando se trata de mistura de povos e raças. Só conseguiram manter sua cultura neste país por terem, por muitas vezes, se adaptado aos costumes e deixado que fossem alterados alguns hábitos de seu povo, entretanto, conseguiram apesar de tudo manter sua origem.

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho- de- pé de uma coceira tão boa. De que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger

da cama- de- vento, a primeira sensação completa de homem. Do moleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo. (FREYRE (2001, p. 348)

Uma grande influência deste povo na música passa pelas canções infantis, pois as negras aprendiam com os portugueses suas próprias canções e as deixavam com um palavreado mais simples, para que pudessem cantar com as crianças de seus senhores de uma forma tranquila. Isto, com o objetivo de que a criança compreendesse sua linguagem e conseguisse pronunciar sem erros. Assim, ocorre que muitas canções tiveram alterações em sua letra de origem. Estas canções são pronunciadas até os dias de hoje por mães às suas crianças.

A linguagem infantil também aqui se amoleceu ao contato da criança com a ama negra. Algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. Da boca africana aliada ao clima - outro corruptor das línguas europeias, na fervura por que passaram na América tropical e subtropical. FREYRE (2001, p. 382)

Assim, podemos afirmar que foi se delineando também uma forma toda peculiar do brasileiro aprender a falar, desde pequeno sob a influência do negro, tiveram palavras de seu vocabulário alteradas e simplificadas. Uma maneira menos formal de verbalizar vontades e desejos, de pedir e serem atendidos, de um modo um tanto peculiar, diferente dos que aqui habitavam. Estas mudanças advindas das misturas das raças é que deu corpo a formação da linguagem tão própria utilizada neste país.

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tiraram-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem ss; as sílabas finas moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: cacá, bumbum, tentén, nenén, tatá, papá, papapo, lili, mimi (...) Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos. FREYRE (2001, p. 382)

Observando esta multiculturalidade que o povo brasileiro expressa, podemos observar que a cultura brasileira então é advinda de três raças: o indígena, o negro e o povo europeu. Assim, poderemos afirmar que nossa cultura não se formou de uma forma harmônica, uniforme e linear. Muitos conflitos existiram para que o que somos atualmente pudesse ser formado. As adaptações a transtornos que ultrapassamos neste período contribuíram visivelmente para esta formação. Muitas adaptações e superações tiveram de acontecer para que nossa cultura hoje chegasse ao que é. O colorido de nossa terra é devido a costumes de outros povos que se juntaram e criaram formas próprias de cantar, comer, dançar, crer, enfim, viver intensamente e calorosamente de acordo com o que nossos antepassados nos deixaram como herança. A preservação dessas práticas culturais ocorreu através de aproximações e afastamentos conforme ideia defendida por Paiva (2001, p.40).

Dessa forma então podemos compreender a formação e preservação de toda uma unidade cultural, com influências indígenas, europeias e africanas que deixam como principal legado toda tradição cultural e que se tornou de uma peculiaridade única e própria.

2. A CULTURA AFRO-BRASILEIRA

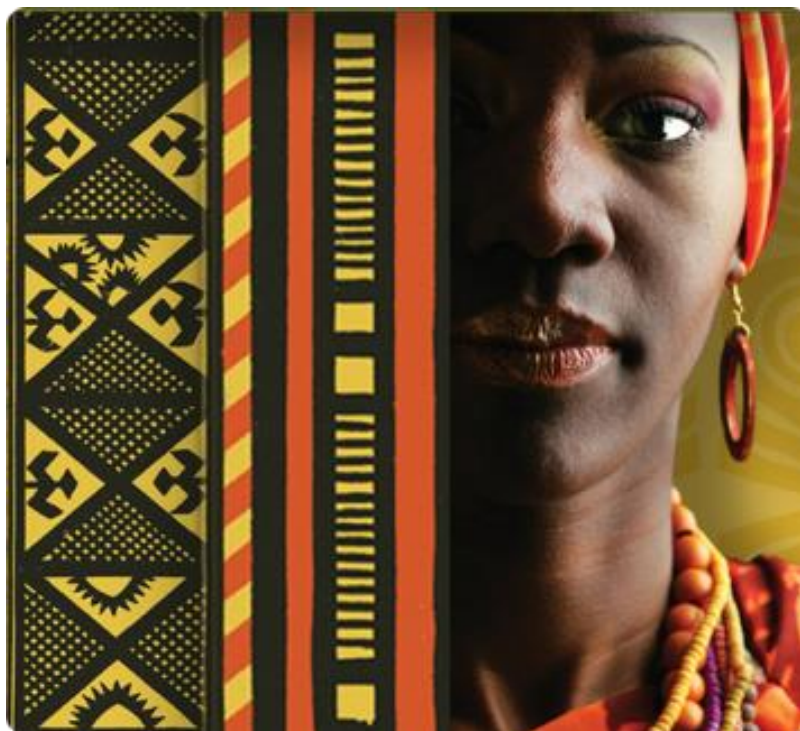


Figura 1: Afro-brasileiros. Fonte: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbn=isch&source=hp&biw=557&bih=571&q=cultura+afro-brasileira&oq=cultura+afro&gs_l=img.1.0.0.2408.8884.0.10936.19.14.1.4.4.0.574.2637.2j5j2j0j1.12.0...0.0...1ac.1.15.img.tjsRIO3osCU#facrc=_&imgsrc=c56EP5F-5kmBIM%3A%3BD5_iF8zKpg2GTM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.consciencia.net%252Fagencia%252Fimg%252Ffestivalafro-358x325.png%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.consciencia.net%252Fagencia%252Ffestival-de-musica-danca-e-cultura-afro-brasileiras-comeca-hoje-no-rio%252F%3B358%3B325

Por volta de 1800, aproximadamente dois terços da população brasileira, mais ou menos 3 milhões de pessoas, eram negros, mulatos, prisioneiros ou não.

Nesta época, ocorre uma miscigenação mulata muito expressiva e aumentada gradativamente. Surge então uma questão de religiões populares ao redor do catolicismo e dos terreiros de Umbanda e Candomblé cada vez mais fortificados. Verificamos que a cultura afro-brasileira tem grande destaque e alcança uma grande proporção religiosa no Brasil.

Com o tempo, pode-se afirmar que a música e a dança dos descendentes africanos fazem parte do patrimônio cultural da população negra sendo que constituem uma história antiga e de grande valor. Fazem parte desta cultura especificamente a música, a dança, o teatro, o artesanato, a indumentária e as tradições.

A cultura afro-brasileira é o efeito do processo da cultura africana no Brasil, compreendendo o predomínio obtido das culturas portuguesa e indígena que se mostra em diferentes expressões, a saber: a música a religião e a culinária.

Os estados do Maranhão, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul foram os mais entusiasmados tanto pela quantidade de escravos que aceitavam quanto pela migração interna dos mesmos, por causa do fim do ciclo da cana-de-açúcar na região Nordeste.

2.1 História

Por volta do século XVI, os primeiros escravos africanos chegaram ao Brasil em navios utilizados para o tráfico negreiro. Esses eram trazidos do Senegal, Gâmbia, Costa do Ouro, Daomé, Nigéria, Guiné, Mina, Benim, Angola, Moçambique e de outras regiões anglo-portuguesas. Geralmente, os escravos eram desembarcados em Salvador, Rio de Janeiro, Recife, Olinda e em Porto de Galinhas. Estima-se que entre o século XVI e XIX o Brasil tenha recebido 40% de todos os escravos trazidos ao continente.

A chegada de escravos continuou de forma significativa no ritmo do desenvolvimento da sociedade. No século XVI, os escravos foram trazidos ao Nordeste para a produção açucareira. No início do século XVII, o Brasil foi considerado o maior produtor de açúcar do mundo, produzindo cerca de 9 mil toneladas por ano.

No século XVII, os escravos foram mandados para os plantios de algodão no Maranhão. Especificamente entre 1693 e 1695, os escravos foram destinados e utilizados na mineração em Minas Gerais e no planalto central. A população escravagista cresceu rapidamente. Estima-se que entre 80.000 e 150.000 escravos tenham trabalhado nesta região, de forma a possibilitar, no período de 1700 a 1770, que metade de todo ouro extraído no mundo tenha sido extraído no Brasil. Esta riqueza permitiu o acúmulo de capitais que resultou na Revolução Industrial do século seguinte.

No decorrer desta época, destacou-se a preferência pelos escravos exportados do porto de Whydah, Daomé, que eram famosos por serem fortes e

vigorosos. Além deles, os escravos *ashanti* e *iorubá* eram preferidos, pois conheciam as técnicas de mineração que haviam empregado em suas terras.

Até o século XIX, o tráfico de escravos deteve-se no Rio de Janeiro e São Paulo, onde o café se tornou o principal produto para o mercado brasileiro. Naquela época estimava-se que havia dois escravos negros para um branco.

2.2 Evolução histórica



Figura 2: Afro-brasileiros. Fonte:

http://www.google.com.br/search?newwindow=1&q=Bloco%20afro%20Il%C3%AA%20Aiy%C3%AA%20na%20Bahia&um=1&ie=UTF-8&hl=pt-BR&tbm=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=choiUsbMFZDI9gSKmYHIBg&biw=1092&bih=507&sei=VhsiUs_uFYic9gS4ilGoCg#facrc=_&imgdii=_&imgsrc=UyotMkObKIkUCM%3A%3BBN5RGCwWIYftVM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.geledes.org.br%252Fimages%252Fstories%252F2012%252Fcriolo_e_ile_aye.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.geledes.org.br%252Fpatrimonio-cultural%252Fartístico-esportivo%252Fmusica%252Fcantores-compositores%252F12829-ile-aiye-e-criolo-que-bloco-e-esse-o-primeiro-videoclipe-de-um-bloco-afro-da-bahia%3B550%3B367

A princípio, as demonstrações culturais afro-brasileiras não eram permitidas e muito menos levadas em conta, de forma a serem desencorajadas. Isso, porque não faziam parte do conjunto cultural europeu, menos ainda era um exemplo de civilidade, mas sim, uma cultura não civilizada simultaneamente, à Europa em desenvolvimento.

Todavia, a partir dos meados do século XX, as manifestações culturais afro-brasileiras passaram a ser sucessivamente aceitas e admiradas e festejadas pelas elites brasileiras como expressões artísticas autenticamente

nacionais. Nem todas as expressões culturais foram consentidas ao mesmo tempo. O samba foi umas das primeiras manifestações da cultura afro-brasileira a ser respeitada quando se sobressaiu na musica popular.

Logo em seguida, o governo da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas iniciou uma política de incitar o nacionalismo nas quais a cultura afro-brasileira achou caminhos de aceitação oficial. Podem-se mencionar como exemplo, os desfiles de escolas de samba que conseguiram a aceitação governamental através da União Geral das Escolas de Samba do Brasil, fundada em 1934. Com isso, outras manifestações culturais seguiram o mesmo caminho.

2.3 Comunidades Quilombola

Aldeias Quilombolas amparavam escravos que conseguiam fugir das fazendas e casas de famílias. O termo Quilombo é de origem da Angola. Os escravos se refugiavam nos Quilombos para não serem encontrados, pois eram sempre explorados e maltratados onde viviam.

Essas aldeias ficavam escondidas nas matas, em lugares inacessíveis, a saber: o alto das montanhas e grutas. Nessas aldeias, os escravos se reuniam e conseguiam ter uma vida livre. As pequenas aldeias eram chamadas também de mocambos, tanto eles e os Quilombos duraram todo o período da escravidão no Brasil.

Inicialmente, o termo Quilombo era utilizado para chamar um local utilizado por populações nômades, ou pequenos acampamentos de comerciantes, mas com o início da escravidão, os escravos adotavam o termo para o lugar que eles fugiam.

Um dos Quilombos mais famosos foi o Quilombo dos Palmares que se situava na então capitania de Pernambuco, atualmente o estado de Alagoas. Recebeu esse nome porque um dos escravos chamado Zumbi foi o grande líder da aldeia.

O Quilombo dos Palmares foi o maior deles e lutou por mais de cem anos contra os ataques das tropas coloniais. Mesmo tendo uma material bélico abaixo dos utilizados pelas tropas coloniais e lutando em menor número, responderam a, pelo menos 24 ataques de grupos com ate 3.000 integrantes

comandados pelos capitães do mato. Foi preciso 18 grandes ataques para serem derrotados pelas tropas militares do governo colonial. Os soldados portugueses contaram que foi necessário mais de um dragão militar para capturar um quilombola, pois se utilizavam de uma estranha técnica de ginga e luta. O governador geral da Capitania de Pernambuco proclamou ser mais difícil derrotar os quilombolas do que os invasores holandeses.

A vida nos quilombos era de liberdade e oferecia a oportunidade de resgatar culturas perdidas à causa da opressão colonial. Essas comunidades eram formadas por diversas etnias incessantemente ameaçadas pelas invasões portuguesas. A capoeira passou a ser uma ferramenta para a sobrevivência individual a uma arte marcial com intenção militar.

As comunidades Quilombolas, assim como as indígenas e ciganas, podem perceber atualmente uma melhora em sua qualidade de vida com todo o desenvolvimento econômico e social do país. Mas, seus indicadores de desenvolvimento humano ainda são desiguais, comparados aos demais seguimentos da população.

Aldeias Quilombolas são grupos que tem a identidade étnica que os distinguem do restante da sociedade. A Associação Brasileira de Antropologia as definem como “grupos que desenvolveram práticas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos num determinado lugar”.

Contudo, existem grandes barreiras colocadas ao longo do caminho. A garantia dos direitos dos quilombolas, a política de promoção da igualdade

racial, de forma extensa, desempenha hoje uma disputa ideológica. Os avanços são muitos apesar das dificuldades.

As comunidades se compõem a partir de uma grande diversidade de processos, durante a vigência do sistema escravocrata, que por mais de 300 anos, dominou negros trazidos da África para o Brasil. Após a abolição, enfrentou as desigualdades que se apresentam até o presente século. Sua identidade se distingue pela experiência vivida e compartilhada na sua trajetória comum enquanto grupo.

Comunidades Quilombolas caracterizam-se pelo hábito de uso comum de suas terras, formados por elas como um espaço coletivo e indivisível que é ocupado e explorado por meio de regras e opiniões aos diversos grupos familiares.

A luta contemporânea dos quilombolas pelos seus direitos territoriais representa o reconhecimento do fracasso da realidade jurídica firmada pela “Lei das Terras”

Os Quilombos formados no período da escravidão, após a abolição e continuaram, a ser para muitos, a única forma de viver em liberdade. Tornou-se a ser uma ordem de sobrevivência constituir um Quilombo já que a Lei Áurea deixou os negros abandonados à própria sorte.

O marco histórico contemporâneo de grande importância foi o processo Constituinte de 1988, o qual auxiliou um aumento da mobilização da sociedade civil brasileira. Nas mobilizações estavam entidades do movimento negro urbano, que ampliou o debate no campo das políticas públicas sobre a realidade da população negra.

Nos anos 90, aconteceram mudanças significativas, o movimento das pressões internas protagonizadas por estas organizações e externas provocadas pelos compromissos assumidos pelo Estado brasileiro, por meio de convenções internacionais e tratados. Posteriormente, um novo discurso dentro das instituições públicas e privadas, que se materializou no avanço da luta pela promoção da igualdade racial.

Esta mobilização teve como resultado a realização do I Encontro Nacional de Comunidades Negras Rurais Quilombolas, nos dias 17, 18 e 19 de novembro de 1995, e foi realizada em Brasília, teve como tema “Terra, Produção e Cidadania para Quilombolas”. Por fim, uma representação foi escolhida para encaminhar à Presidência da República um documento contendo as principais reivindicações aprovadas.

No mesmo ano no dia 20 de novembro a Marcha Zumbi dos Palmares, reuniu cerca de 30 mil pessoas, na Praça dos Três Poderes, em memória ao Tricentenário de Zumbi dos Palmares, restringindo formalmente, as contribuições e reivindicações da mais expressiva manifestação política do Movimento Negro na Agenda nacional. Foi desta forma que a questão Quilombola entrou no cenário nacional. Identificando assim legalmente seus direitos específicos, no que diz respeito a título de reconhecimento de domínio para as comunidades quilombolas.

Foram estabelecidos quatro eixos para o delineamento das ações junto as comunidades quilombolas remanescentes.

* **Regularização Fundiária:** resolução de problemas relativos à emissão do título de posse das terras.

* **Infraestrutura e Serviços:** formando mecanismos efetivos para destinação de obras de infraestrutura e construção de equipamentos sociais destinados a atender as demandas.

* **Desenvolvimento Econômico e Social:** modelo de desenvolvimento sustentável, baseado nas características territoriais e na identidade coletiva.

* **Controle e Participação Social:** estímulo à participação ativa dos representantes quilombolas nos fóruns locais e nacionais de políticas públicas, impulsionando o seu acesso ao conjunto das ações definidas pelo governo e seu envolvimento no acompanhamento daquelas que são implantadas em cada município brasileiro.

As comunidades quilombolas que permanecem agregadas nos dias de hoje guardam vestígios arqueológicos. Seus conhecimentos não se dão mais pelo isolamento geográfico. Pode-se afirmar que a ligação do passado reside na conservação de práticas de resistência e reprodução do seu modo de vida num determinado local.

2.4. RELIGIÃO



Figura 3: Agbeni Cléo Martins e Mãe Tatá de Casa Branca do Engenho Velho, Salvador, Bahia, com trajes típicos do Candomblé. Fonte: http://www.google.com.br/search?newwindow=1&q=casa%20branca%20agbeni%20cleo%20martins%20e%20m%C3%A3e%20tat%C3%A1%20de&um=1&ie=UTF-8&hl=pt-BR&tbn=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=RI0iUoa-EYPC9gTcnoD4Ag&biw=1092&bih=507&sei=EF8iUriaMli68ASfrIDADQ#facrc=_&imgsrc=C0IHIdF-eMTk0M%3A%3BSErkATraQHjX6M%3Bhttp%253A%252F%252Fcasadosatoris.com.br%252Fimags%252F5.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fcasadosatoris.com.br%252Fgrandes-icone.php%3B800%3B600

Os negros trazidos da África como escravos, eram rapidamente batizados e obrigados a acompanhar o Catolicismo. Essa passagem de uma religião para outra era leviana e as religiões de origem africana conseguiam permanecer de forma secreta. As Religiões Afro-brasileiras ainda mantêm suas raízes africanas como o Candomblé e Xangô do Nordeste, outras se constituem através da fusão religiosa como o Batuque, Xambá e Umbanda. As Religiões Afro-Brasileiras apresentam o predomínio do Catolicismo. A fusão

cultural de diferentes elementos demonstra igualmente pelo conhecimento de batizar os filhos e casar-se na igreja Católica mesmo ao seguir abertamente uma religião afro-brasileira.

No Brasil, a prática do Catolicismo tradicional tem o predomínio africano que se revela no culto de santos de origem africana como São Benedito, Santo Elesbão, Santa Efigênia e Santo Antônio de Noto (Santo Antônio do Categeró ou Santo Antônio Etíope). No culto preferência de santos facilmente relacionados como os orixás africanos como São Cosme e Damião (Ibejis), São Jorge (Ogum no Rio de Janeiro), Santa Bárbara (Iansã).

Na criação de novos santos populares como a Escrava Anastácia, e em ladainhas, rezas e festas religiosas (como a lavagem do Bonfim, na qual as escadarias da igreja do Senhor do Bonfim na Bahia são lavadas com água de cheiro pelas filhas-de-santo do candomblé)

As igrejas pentecostais do Brasil contestam as religiões de origem africana, e na realidade tem várias influências desta como a práticas do batismo do Espírito Santo e crenças como a de incorporação de entidades espirituais (entendidas como maléficas). Já o Catolicismo nega a existência de orixás e guias. As igrejas pentecostais crêem na sua existência, na forma de demônios.



Figura 4: Filhas-de-santo do Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá na Bahia

http://www.google.com.br/search?newwindow=1&q=Filhas-de-santo%20do%20Terreiro%20Il%C3%AA%20Ax%C3%A9%20Op%C3%B4%20Afonj%C3%A1%20na%20Bahia&um=1&ie=UTF-8&hl=pt-BR&tbm=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=iHciUrqHOorC9QSw4HwCg&biw=1092&bih=507&sei=jHciUtTVGon48gTj_oCwBg#facrc=_&imgsrc=QmFKzB1lrGq4oM%3A%3BVKunZWtVM3Cq6M%3Bhttp%253A%252F%252Fupload.wikimedia.org%252Fwikipedia%252Fcommons%252Fthumb%252F7%252F77%252FBarracao_do_Opo_Afonja.jpeg%252F200px-Barracao_do_Opo_Afonja.jpeg%3Bhttp%253A%252F%252Fpt.wikipedia.org%252Fwiki%252FI%2525C3%2525AA_Ax%2525C3%2525A9_Op%2525C3%2525B3_Afonj%2525C3%2525A1%3B200%3B133

De acordo com o IBGE, cerca de 0,3% dos brasileiros se anunciam como seguidores de religiões de origem africana, mesmo que um número maior de pessoas se o fazem de forma discreta. A princípio desprezadas, as religiões afro-brasileira foram o são ou são praticadas abertamente por vários intelectuais e artistas importantes como Jorge Amado, Dorival Caymmi, Vinícius de Moraes, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Maria Bethânia (que frequentavam o terreiro de Mãe Menininha), Gal Costa (que foi iniciada para o Orixá Obaluaye), Mestre Didi (filho da ialorixá Mãe Senhora), Antonio Risério, Caribé, Fernando Coelho, Gilberto Freyre e José Beniste (que foi iniciado no candomblé ketu).

2.5 Candomblé



Figura 5: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbn=isch&source=hp&biw=557&bih=571&q=cultura+afro-brasileira&oq=cultura+afro&gs_l=img.1.0.0.2408.8884.0.10936.19.14.1.4.4.0.574.2637.2j5j2j0j1.12.0...0.0...1ac.1.15.img.tjsRIO3osCU#hl=pt-BR&site=imghp&tbn=isch&sa=1&q=candombl%C3%A9&oq=candombl%C3%A9&gs_l=img.1.0.0.110.4684.28.473120.0.475719.31.17.1.0.0.2.286.1873.7j0j6.13.0...0.0...1c.1.15.img.PLhXeFsjhpU&bav=on.2,or.r_qf.&bvm=bv.47380653,d.dmg&fp=f20d65a03649f696&biw=899&bih=571&facrc=_&imgcr=oj8tWwXns2w47M%3A%3BCAK3ZNRG2BCyMM%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.girafamania.com.br%252Fobjetos%252Fcandomble.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fwww.girafamania.com.br%252Ftudo%252Freligiao_candomble.html%3B606%3B377

Atualmente, muitos estudos são realizados sobre o Candomblé, pois muitas curiosidades existem sobre o tema. É difícil uma organização em relação ao tema, pois o grupo que realiza os rituais religiosos é fechado, não se permitem filmar e pouca bibliografia foi escrita sobre o tema. O que encontramos são alguns trabalhos acadêmicos com relatos e bibliografias sobre um ou outro deus relacionado ao tema.

A origem da palavra Candomblé vem da língua Bantu: ca [ka] = uso, costume, ndomb = negro, preto e lé = lugar, casa, terreiro e/ou pequeno atabaque. Sendo assim, quando observamos o resultado das palavras e origem da mesma, podemos definir Candomblé como sendo “lugar de costumes dos negros”. Ou seja, onde podem expressar suas tradições, práticas relacionadas à religião, onde demonstram sua música. Já outros definem Kandomble como “adorar”. (CASINI, 1987.)

Como se tem demonstrado neste trabalho, verifica-se que a origem do Candomblé vem da África, com uma enorme diversidade cultural. Estudos foram realizados e demonstram que existem mais de 400 divindades originárias desta cultura com suas tradições e costumes. Cada uma representada por diferentes santos, seus terreiros com costumes diferenciados, suas crenças e culturas. O que se pode verificar é que todas são ligadas as forças naturais e relacionam seu poder com a união com o homem.

Os escravos capturados ao serem trazidos ao Brasil vieram de culturas diferentes, por essa razão, com costumes e cultos a divindades diferentes. Atualmente, se mencionam 16 orixás reconhecidos oficialmente e outros 14 ainda reconhecidos em alguns terreiros extraoficiais. Este panteão relaciona-se principalmente aos escravos provenientes de Angola, Moçambique, Congo, Gana, Benin, Nigéria, e estes falando línguas diferentes e cultuando seus próprios deuses.

O Candomblé não é uma religião onde se possa realizar seu culto ou ritual em casa, como em diferentes religiões onde as pessoas passam a fazer suas rezas e orações em suas residências, pois aprenderam em suas igrejas e templos como fazer. No Candomblé os praticantes obrigatoriamente têm de ir

aos terreiros. Não existem dentro desta prática autodidatas, ou seja, aqueles que aprendem e realiza o ritual sozinho, nem tão pouco auto iniciação.

Para os praticantes desta religião, homem e natureza se completam. Existe um complexo vital que o cercam, pertencem a um único universo que ultrapassa os limites deste mundo, estão embasados no universo que vai além, muito além do mundo real. Procuram o pré-existente, ou seja, elementos que dão legitimidade a organização que construíram e caminhos que o levem a um papel de pertencimento na sociedade.

O que vemos nesta cultura religiosa africana é que “Aquilo que definimos como objetos, forças ou fenômenos da natureza, são venerados como sagrado nos mitos e nas culturas mais remotas”. (CASINI, 1987, p.17).

As comunidades lorubás que mantiveram seus mitos e cultura natural mais sagrada não se veem como uma parte da natureza, porém, se observam como a natureza em si. Creem que a Materialidade do homem origina da somatória de todos os elementos que compõe a natureza.

Assim, observamos que estudos da origem do Candomblé na África são inexistentes. Existem fatos e relatos de como se dá ao longo do tempo e de como é visto atualmente.

Conta uma lenda que na África dos povos iorubas, havia um mensageiro que atendia pelo nome de Exu que perambulava entre as aldeias em busca de solucionar alguns problemas que incomodava a todos, humanos e Orixás. Assim, Exu recebeu o conselho para que escutasse todos os humanos, animais e divindades, e ainda outros seres que habitam a Terra. Histórias de coisas boas e ruins, de batalhas vencidas ou perdidas, de sucessos e insucessos, sobre saúde, doenças e mortes. Deveria ouvir tudo,

independentemente de sua importância. Deveria saber ainda sobre as providências que haviam tomado para solucionar os problemas que tenham tido e as oferendas aos Deuses que lhes deram sucessos ou não. A partir disso ele reuniu 301 histórias, o que significa, de acordo com o sistema de enumeração dos antigos iorubas, que Exu tinha desenvolvido sua tarefa a contento. Após toda coletânea deste material Exu tinha em seu poder o mapa de cada coisa que poderia trazer sucesso ou não sobre cada um de nós. E tinha a solução de cada problema e sua forma de solucionar.

Todo esse saber, conforme conta a história, foi repassado a um adivinho que se chamava Orumilá, também conhecido como Ifá, que por sua vez o repassou aos seguidores, conhecidos como sacerdotes do oráculo de Ifá, atualmente conhecidos como babalaô ou pais do segredo.

Até os dias atuais, todo iniciado deve adquirir conhecimento desses fatos para que consiga exercer a atividade oracular.

Acredita-se que Exu era o mensageiro encarregado da comunicação entre o advindo de Orunmilá, Deus do Oráculo, que é por sua vez o responsável por dar a resposta e pelo transporte das oferendas ao mundo dos Orixás.

Essa arte, até os dias atuais, sobrevive na África, entre os iorubas seguidores da religião tradicional dos orixás, e na América, entre os participantes do Candomblé brasileiro e da Santeria cubana. No Brasil, com o passar do tempo, os babalaôs se extinguiram, dos pais e mães de santo. Aqui, as adivinhações do candomblé e dos jogos de búzios foram sendo simplificada aos poucos e foi sendo desligada da prática divinatória, porém, foram preservados os nomes dos Odus. Atualmente os próprios Orixás foram sendo

esquecidos onde Exu passou a ocupar o papel central na prática dos jogos de búzios em nosso país.

A expansão do Candomblé no Brasil, com a nova politização e graduação dos negros começou a ser estudada com maior interesse e várias literaturas atualmente são encontradas de relatos e estudos sobre o assunto. Deixou então de ser mito e passou a ser vista como religião com a palavra escrita. Após pesquisas foi descoberto que esta religião está impregnada de objetos, rituais, cantigas, cores e desenhos das roupas e colares, de rituais secretos de iniciação, nas danças próprias e na própria arquitetura dos templos e ainda trazem a tradição do comportamento do pai-de-santo com toda sua característica mítica dos Orixás do qual acreditam descender o ser humano.

3. CAPOEIRA UMA ARTE SECULAR



Figura 6: Capoeira. Fonte: <http://www.vocerealmentesabia.com/2013/01/capoeira-luta.html#!/2013/01/capoeira-luta.html>

Existem poucos documentos que retratam ou falam sobre a Capoeira. O que observamos é que existem relatos orais de que foi através do negro escravizado que se desenvolveu esta arte em nosso país.

Os negros aprisionados na África e trazidos para o Brasil eram de várias nações e vieram de diferentes regiões. Estes grupos faziam questão de zelar pela sua própria cultura, como por exemplo, lutas, religiões, música, dança e até mesmo seus próprios rituais. Quando aqui chegaram eles se

misturaram com outros trazidos de regiões diferentes e absorveram parte de seus hábitos e costumes.

Surgiu então, neste período, a Capoeira, que veio para expressar o costume de vários povos, através do Africano, porém, isto tudo aconteceu em solo brasileiro. Também existem relatos de que a Capoeira era uma luta disfarçada em forma de dança para que os escravos pudessem usar durante suas fugas, pois se pensassem que aquela arte era uma dança não os impediriam de treinar.

O que não se relata muito é que, por volta de 1841 à dança e a música negra sofreu grandes retaliações e proibições, chegando até mesmo a ser proibida, assim sendo, como a capoeira se manteve da forma que ainda é hoje?

Alguns defendem que esta arte foi trazida da África mesmo, pois lá se encontra um ritual usado como prática pelos jovens Mucupes, do sul de Angola durante a Efurundula (ritual que é feito quando uma menina se transforma em mulher), porém, lá é conhecida como N'golo, ou seja, dança das zebras. Nesta dança o melhor guerreiro se isentaria do dote ao escolher sua noiva. Mas outros historiadores dizem que esta prática seria apenas mais umas das incorporadas pelos negros ao criar aqui a dança da Capoeira.

Muitas outras histórias são contadas, contudo, sem comprovação. O que se sabe é que na época da Proclamação da República houve uma grande queima e destruição de documentos que diziam respeito à escravidão, pois se acreditava que deveriam apagar da história do Brasil tal ato vergonhoso. Porém, o fato real é que com a queima e destruição destes arquivos deixariam

de reembolsar aos negros e suas famílias as indenizações cabíveis, pois saberiam que sem tais documentos isto seria inviável, pois não teriam provas de nada que aconteceu anteriormente.

Não pensem que foi fácil manter tal cultura, pois ocorreram fatos tais como o de 11 de outubro de 1890, onde a Lei n.487 de Sampaio Ferraz, foi promulgada para que tivessem punição de dois a seis meses de trabalho forçado na ilha de Fernando de Noronha, aos negros que praticassem a Capoeira.

No art. 402, que tratava "Dos vadios capoeiras", lia-se: "Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correria, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordem, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal.

Pena - prisão celular de dois a seis meses.

Parágrafo único - é considerado circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes e cabeças se imporá a pena em dobro. (SAMPAIO FERRAZ, 1980.)

O que não imaginavam, quando promulgada esta Lei foi que atingiriam não somente os negros, mas também pessoas da nobreza. Por Exemplo, o filho do Conde de Matosinho, também conhecido como um dos grandes proprietários do país e dono do jornal O País, José Elísio dos Reis que era um dos grandes frequentadores destas rodas foi diretamente afetado em suas práticas.

Após ser preso, sob influência política, foi libertado com apoio de Quintino Bocaiúva que ameaçou renunciar ao cargo que ocupava na época de

Relações Exteriores. Assim, logo que conquistou novamente sua liberdade Juca Reis retornou a Portugal.

Os capoeiras ainda precisaram “se cuidar”, pois sofreram muitas perseguições por todo século XIX.

Conforme publicação do jornal Diário de Notícias de 19/01/1890, não só a elite tinha medo dos capoeiras, mas toda população.

É polícia das primeiras
É levadinha do diabo
Deu cabo dos capoeiras
Vai dos gatunos dar cabo
Já da navalha afiada
A ninguém o medo aperta
Vai poder a burguesada
Ressonar com a porta aberta
A ir assim poderemos
Andar mui sossegadinhos
Nessa terra viveremos
Como Deus com seus anjinhos
Ai! Assim continuando,
A polícia hemos de ver
As suas portas fechando
Por não ter mais que fazer. (LITORALWAY, 2013, p.1)

Quando chegaram ao Brasil, os escravos africanos atentaram para a necessidade de criar uma maneira de proteção contra a violência e refrear os colonizadores brasileiros. Pois, eram constantemente alvos de práticas

violentas dos senhores de engenho. Quando conseguiam fugir das fazendas, eram seguidos pelos capitães-do-mato, que os capturavam violentamente.

Os senhores de engenho os proibiam de praticar qualquer tipo de luta. Desta arte, os escravos passaram a utilizar o ritmo e os movimentos de suas danças africanas, adaptando-as a um tipo de luta. Assim surgiu a capoeira, como uma arte marcial que se ocultava na dança. Portanto, foi um instrumento importante da resistência cultural e física dos escravos brasileiros.

A prática da capoeira acontecia em terreiros próximos às senzalas, essa prática era para a manutenção cultural e o alívio de estresse do trabalho, além da manutenção da saúde física. A prática dessa luta ocorria na época em campos com pequenos arbustos, chamados na época de capoeira ou capoeirão, portanto, foi o nome deste lugar que inspirou para nomear esta luta ou jogo.

Atualmente, a capoeira possui três estilos que se distinguem nos movimentos e ritmo do acompanhamento musical. O estilo mais antigo, foi criado na época da escravidão chamada de capoeira angola, suas características são: ritmo musical lento, golpes jogados mais baixos (próximos ao solo) e muita malícia. O segundo estilo é o regional caracterizado pela mistura da malícia da capoeira angola com o jogo rápido de movimentos, ao som do berimbau, seus golpes são rápidos e secos, as acrobacias não são utilizados. O terceiro tipo de capoeira é o contemporâneo, que une um pouco dos dois primeiros estilos e é o mais praticado atualmente. No dia 03 de agosto é comemorado o dia do capoeirista.

A capoeira tornou-se uma verdadeira exportadora da cultura brasileira para o exterior. Existente em dezenas de países em todos os continentes, todo ano a capoeira atrai milhares de alunos e estrangeiros ao Brasil, habitualmente, capoeiristas estrangeiros se esforçam a aprender a língua portuguesa em um esforço para melhor se envolver com a arte. Frequentemente, mestres e contramestres respeitados são convidados a dar aulas especiais no exterior ou até mesmo a estabelecer seu próprio grupo. Apresentações de capoeira, comumente administradas em forma de espetáculo, acrobáticas e com pouca marcialidade, são realizadas no mundo todo.

Embora o aspecto marcial ainda se faça presente, como nos tempos antigos, ainda é sutil e disfarçado. A malandragem ainda se faz presente, capoeiristas experientes dificilmente tiram os olhos de seus adversários em um jogo de capoeira, já que uma queda pode chegar disfarçada em um gesto amigável.

A capoeira é o símbolo da miscigenação de etnias, resistência à opressão e teve sua imagem mudada tornando-se fonte de orgulho para o povo brasileiro. Hodiernamente, é considerado patrimônio Cultural Imaterial do Brasil.

A roda de capoeira nada mais é do que um círculo de capoeiristas com uma bateria musical em que a capoeira é jogada, tocada e cantada. A roda serve para o jogo, divertimento e espetáculo e também para que o capoeiristas possam ampliar o que aprenderam durante o treinamento.

Os capoeiristas alinham-se na roda cantando e batendo palmas no ritmo do berimbau enquanto dois capoeiristas jogam no centro da roda. O jogo

entre dois capoeiristas pode terminar ao comando do tocador de berimbau ou quando algum outro capoeirista compra o jogo e inicia um novo jogo com um deles. O objetivo do jogo da capoeira não é nocautear ou destruir o oponente. O grande objetivo do capoeirista ao entrarem uma roda é a queda, derrubar o oponente sem ser golpeado. O jogo entre um capoeirista experiente e um novato, o capoeirista experiente prefere mostrar sua superioridade marcando o adversário. Já o jogo entre dois experientes será muito mais agressivo e terá consequências mais graves.

O movimento básico da capoeira é a ginga, mas são comuns os chutes em rotação, rasteiras, floreios, golpes com as mãos, cabeçadas, esquivadas, acrobacias, giros apoiados nas mãos ou na cabeça e movimento de grande elasticidade.

O batizado acontece em uma roda de capoeira solene e festiva, onde os novos alunos recebem sua primeira corda e os demais alunos podem passar para graduações superiores. Em algumas ocasiões pode-se ver formandos e professores recebendo graduação avançadas, momento considerado honroso para o capoeirista.

O batizado acontece ao comando do capoeirista mais graduado do grupo, seja ele mestre, contramestre ou professor. Os alunos jogam com um capoeirista formado e devem tentar se defender. Comumente o jogo termina com a queda do aluno, momento em que é batizado. Momento este também quando o capoeirista recebe ou oficializa seu apelido, ou nome de capoeirista.

A maioria dos capoeiristas passa a ser conhecidos na comunidade pelos seus apelidos do que por seus próprios nomes. Apelidos podem surgir de

inúmeros motivos, desde as características físicas, uma particular habilidade ou dificuldade, uma ironia, a cidade de origem, etc.

A música é o componente fundamental da capoeira. Foi incorporada como forma de lograr os escravizadores, fazendo-os acreditar que os escravos estavam dançando e cantando, quando na verdade estavam treinando uma arte-marcial para se defenderem.

A música na capoeira determina o ritmo e o estilo do jogo que é jogado. A música é criada pela bateria e pelo canto, comumente acompanhados de palmas. A bateria é composta por três berimbaus, dois pandeiros, e um atabaque, mas pode variar excluindo ou incluindo alguns instrumentos, como o agogô e o ganzuá. Um dos berimbaus define o ritmo do jogo, desta maneira é a música que comanda a roda de capoeira, não só no ritmo, mas no conteúdo também.

As canções de capoeira são divididas em partes solistas e respostas do coro. Dependendo do seu conteúdo podem ser classificadas como ladainhas, chulas, corridos ou quadras.

A ladainha, ou lamento é utilizado no início da roda de capoeira. Começa com o longo grito “iê”, seguido de uma narrativa solista cantada em um tom solene. É cantada pelo capoeirista mais respeitado ou graduado da roda. O jogo de capoeira somente pode começar após o fim da ladainha.

A chula é um canto em que a parte solista é muito mais longa do que a resposta do coro. O solista canta dez, doze ou mais versos, o coro responde com dois ou quatro versos. A chula pode ser cantada em qualquer momento da roda.

O corrido é a mais comum na roda de capoeira, é um canto onde a parte solista e resposta do coro tem igual valor, em alguns casos o número de versos do coro superam os versos solistas. Podem ser cantados em qualquer momento da roda, seus versos podem ser modificados e improvisados durante o jogo, acontecendo durante a roda ou para passar algum adivo a um dos demais capoeiristas.

A quadra é composta de um mesmo verso repetido quatro vezes, sendo três versos e uma resposta do coro. Pode ser cantada em qualquer momento da roda.

As canções têm assuntos variados, falam sobre histórias de capoeiristas famosos, falam do cotidiano da comunidade, comentam o que está acontecendo durante a roda de capoeira, fantasiam sobre a vida ou um amor perdido. Outras ainda são alegres e falam coisas tolas, cantadas apenas por diversão.

4. CULINÁRIA AFRO-BRASILEIRA



Figura 3: Acarajé. Fonte: ¹

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mulher-culinaria-afro-brasileira/imagens/culinaria-afro-brasileira-4.jpg&imgrefurl=http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/mulher-culinaria-afro-brasileira/culinaria-afro-brasileira-3.php&h=254&w=350&sz=10&tbnid=EP7UIMHrpcWhRM:&tbnh=90&tbnw=124&prev=/search%3Fq%3Dculin%25C3%25A1ria%2Bafro%2Bbrasileira%26tm%3Disch%26tbo%3Du&zoom=1&q=culin%C3%A1ria+afro+brasileira&usg=__30RTtvng3epxyEdb5gUEFWMC8JM=&docid=qQP4jYyjB3vbVM&sa=X&ei=KsCuUf31FbWr4AOI2YDACw&ved=0CC8Q9QEwAQ&dur=1836

A cozinha brasileira sofreu grande influência da cultura Africana, pois os negros foram inserindo seus temperos e modificando a cozinha portuguesa. Trocou vários ingredientes dando aos pratos sabores específicos e diferenciados. Fizeram o mesmo com os pratos da terra. Descobriram legumes daqui, fizeram pratos com frutos do mar seco, ensinaram e fizeram uso de panelas de barro e das colheres de pau.

O negro introduziu na cozinha o leite de coco-da-baía, o azeite de dendê, confirmou a excelência da pimenta malagueta sobre a do reino, deu ao Brasil o feijão preto, o quiabo, ensinou a fazer vatapá, caruru, mungunzá, acarajé, angu e pamonha.²

4.1 Milagres para o governador tomar sopa

Algumas lendas são relatadas, dentre elas:

O primeiro negro pisou no Brasil com a armada de Martin Afonso. Negros e mulatos (da Guiné e do Cabo Verde) chegaram aqui em 1549, com o Governador Tomé de Souza, que comia mal e era preconceituoso: entre outras coisas, não admitia sopa de cabeça de peixe, em honra a São João Batista. Bem que o Padre Nóbrega tentou convencê-lo de que era bobagem, mas Tomé de Souza resistiu, até que o jesuíta mandou deitar a rede ao mar e ela veio só cabeça de peixe, bem fresca e o homem deixou a mania, entrou na sopa.³

Alguns termos de nosso vocabulário é também herdado dos negros. Por exemplo, fulas e mandingas, vieram com os negros através da Guiné. Fulas quer dizer “opacos” o que nós compreendemos como “nego fulo” – deriva daí o termo “fulo de raiva” que demonstra a palidez da pessoa que está irada. Mandingas, por sua vez, veio significar encantamento e mágicas.

Existia uma divisão entre os negros que chegavam e que seriam aproveitados na lavoura, outros nos serviços domésticos, devido a sua criação


² <http://www.botequimdosamba.com.br/portal/cultural/cultura-afro-brasileira/culinaria.html>

³ <http://www.botequimdosamba.com.br/portal/cultural/cultura-afro-brasileira/culinaria.html>







e forma de se comportar diante das situações. Os iorubanos ou nagôs, os jejes, os tapas e os haussás, todos sudaneses islamitas e da costa oeste foram os que mais contribuíram com a cozinha brasileira, pois por serem mais fáceis de controlar eram tidos como escravos domésticos. Já não podemos dizer o mesmo dos povos trazidos do sul, como por exemplo, de Angola, culturalmente falando originários de língua bantos, ou ainda, não podemos nos esquecer dos negros do Congo, ou também conhecidos como minas, ou os de Moçambique, pois eram mais fortes e menos submissos, assim eram aproveitados para o serviço pesado.

Durante as pesquisas encontramos vários relatos de que o negro também contribuiu divulgando o inhame, a cana de açúcar, o dendezeiro, com a propagação do leite de coco, com a divulgação da pimenta malagueta e a galinha de Angola.

Alguns alimentos Africanos que se tornaram indispensáveis na cozinha brasileira:⁴

<p>Abará</p> 	<p>Bolinho de origem afro-brasileira feito com massa de feijão-fradinho temperada com pimenta, sal, cebola e azeite-de-dendê, algumas vezes com camarão seco, inteiro ou moído e misturado à massa, que é embrulhada em folha de bananeira e cozida em água. (No candomblé, é comida de santo, oferecida a Iansã, Obá e Ibeji).</p>
<p>Aberém</p>	<p>Bolinho de origem afro-brasileira, feito de milho ou de</p>

⁴ <http://www.botequimdosamba.com.br/portal/cultural/cultura-afro-brasileira/culinaria.html>

	<p>arroz moído na pedra, macerado em água, salgado e cozido em folhas de bananeira secas. (No candomblé, é comida de santo, oferecida a Omulu e Oxumaré).</p>
<p>Abrazô</p> 	<p>Bolinho da culinária afro-brasileira, feito de farinha de milho ou de mandioca, apimentado, frito em azeite-de-dendê.</p>
<p>Acaçá</p> 	<p>Bolinho da culinária afro-brasileira, feito de milho macerado em água fria e depois moído, cozido e envolvido, ainda morno, em folhas verdes de bananeira. (Acompanha o vatapá ou caruru. Preparado com leite de coco e açúcar, é chamada acaçá de leite.) [No candomblé, é comida de santo, oferecida a Oxalá, Nanã, Ibeji, Iemanjá e Exu.</p>
<p>Ado</p> 	<p>Doce de origem afro-brasileira feito de milho torrado e moído, misturado com azeite-de-dendê e mel. (No candomblé, é comida de santo, oferecida a Oxum).</p>
<p>Aluá</p> 	<p>Bebida refrigerante feita de milho, de arroz ou de casca de abacaxi fermentados com açúcar ou rapadura, usada tradicionalmente como oferenda aos orixás nas festas populares de origem africana.</p>
<p>Quibebe</p> 	<p>Prato típico do Nordeste, de origem africana, feito de carne-de-sol ou com charque, refogado e cozido com abóbora. Tem a consistência de uma papa grossa e pode ser temperado com azeite-de-dendê e cheiro verde. Fonte: terrabrasileira.net</p>

5. MÚSICA E DANÇA



Figura 4: Música. Fonte: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=img&tp=isch&source=hp&biw=899&bih=571&q=musica+e+dan%C3%A7a+afro-brasileira&oq=musica+e+dan%C3%A7a+afro&gs_l=img.1.0.0.6235.10017.0.13032.19.13.0.5.5.0.499.1937.5j3j4j0j1.13.0...0.0...1ac.1.15.img.gn3Y4HJ-0aw#facrc=_&imgcr=XbvLt_R-Gft6iM%3A%3BRC7YBh7g1sFVCM%3Bhttp%253A%252F%252Flaboratoriodanoticia.com.br%252Fuserfiles%252Fimage%252FOlodum_Ter%25C3%25A7a%252520da%252520Ben%25C3%25A7%25C3%25A3o-foto%252520Edgar%252520de%252520Souza.JPG%3Bhttp%253A%252F%252Flaboratoriodanoticia.com.br%252Fparajornalistas%252Fnoticias.php%253FidNot%253D148%3B1772%3B1181

Nos países africanos, a música tem o mesmo valor que tradições religiosas. Eles preservam os costumes de que os descendentes de músicos deverão preservar a cultura, ou seja, ser músico também. Todos os rituais religiosos na África são praticados em sintonia com momentos musicais. Eles cantam e tocam para todos os santos. O candomblé, por sua vez, como já mencionados, trouxe muita influência para a cultura brasileira, e uma das grandes práticas é a música que se expandiu por todo País. Ele é conhecido

por diversos nomes através de todo Brasil: Tambor de mona, no Maranhão; Xangô do Rio Grande do Norte até Sergipe; Batuque no Rio Grande do Sul.

Séculos de miscigenação com mulçumanos do norte da África justificam a enorme permissividade de Portugal com relação a determinadas práticas musicais e religiosas: os batuques. Nos Estados Unidos, por exemplo, os negros nunca puderam tocar seus tambores.

No candomblé usam-se três tambores de timbres diferentes e um agogô, instrumento de ferro que repercute como um sino, para acompanhar as cantigas levadas pelos pais e mães-de-santo na condução das cerimônias religiosas. Ainda hoje a língua dos cânticos preserva palavras da língua original. Batuque é a denominação genérica para as danças dos negros africanos. Carimbó, tambor de crioula, bambelô, zambê, candomblé, samba de roda, jongo, caxambu são alguns dos batuques ainda praticados em todo o Brasil, principalmente nas ocasiões em que os negros se reúnem para festejar ou lembrar a escravidão.

Apesar de muito antiga a palavra “batuque” etimologicamente não se pode afirmar seu significado. Pode ser que tenha se referido a sapateado e palmas, também por sua vez aparece em relatos escritos como dança de sapateado, ou até mesmo conhecida como rituais religiosos.

Muitos senhores inibiam a prática das danças trazidas pela cultura africana, e principalmente algumas delas, tais como o “Batuque”, pois acreditavam que fossem muito eróticas e obscenas. “A umbigada, gesto em

que os ventres do homem e da mulher se encontram no ponto culminante da música, era uma das danças desprezadas pelos senhores de engenho”.⁵

Outras músicas tiveram grande influência na cultura de nosso povo, algumas criaram raízes e tem grandes renomes que foram responsáveis pela sua divulgação. O samba verdadeiro, por sua vez era a expressão do lamento do negro, dessa forma ele lamentava sua vida traduzindo sentimentos que grande parte deles tinha, porém, não podiam dizer.

Atualmente, podemos observar que é um ritmo forte e com suas próprias características. É originário da África e quando chegou ao Brasil foi através dos escravos. Entrou através da Bahia com os negros trazidos para trabalhar nos engenhos e plantações de açúcar dos senhores.

Passaram-se os anos e a dança foi tomando características próprias tornando-se a dança nacional brasileira há muito tempo. Os baianos mais abastados viajavam ao Rio de Janeiro para as festas anuais nas aldeias e trouxeram o samba “prá cá”. Com isto foi sendo carnavalizada e tornou-se a dança nacional que atualmente nós temos.

Gradualmente a batida sutil e a nuance interpretativa do samba levavam-nos rua acima dançando nos cafés e eventualmente até nos salões de baile, tornou-se a alma dança do Brasil. Originalmente a dança teve movimentos de mão muito característico, derivados de sua função ritualista, quando eram segurados pequenos recipientes de ervas aromáticas em cada uma das mãos e eram aproximadas do nariz do dançarino cuja fragrância excitava. Havia

⁵ Publicado no <http://www.geledes.org.br/esquecer-jamais/179-esquecer-jamais/14716-a-historia-da-escravidao-negra-no-brasil>. A História da Escravidão Negra no Brasil. Publicado em Terça, 03 Julho 2012 11h12min

muito trabalho de solo e antes de se tornar uma dança de salão, teve passos incorporados do maxixe.⁶

Tivemos grandes nomes do Samba brasileiro, porém, devemos destacar o de Carmem Miranda que ficou conhecida no mundo inteiro, pois com muita perícia, profissionalismo e vitalidade ela divulgou o ritmo e a música para outros países. Tudo iniciou com Irene e Castelo de Vernou, com destaque na América do Norte e acabaram inserindo o samba em suas apresentações profissionais.

Depois de alguns anos juntamente com as escolas de samba e o carnaval começaram então a apresentar um ritmo próprio, como um balé artístico com todo ritmo de samba e alguns passos básicos.

⁶ Publicado no <http://www.geledes.org.br/esquecer-jamais/179-esquecer-jamais/14716-a-historia-da-escravidao-negra-no-brasil>. A História da Escravidão Negra no Brasil. Publicado em Terça, 03 Julho 2012 11h12min

6. O NEGRO E A EDUCAÇÃO NO BRASIL

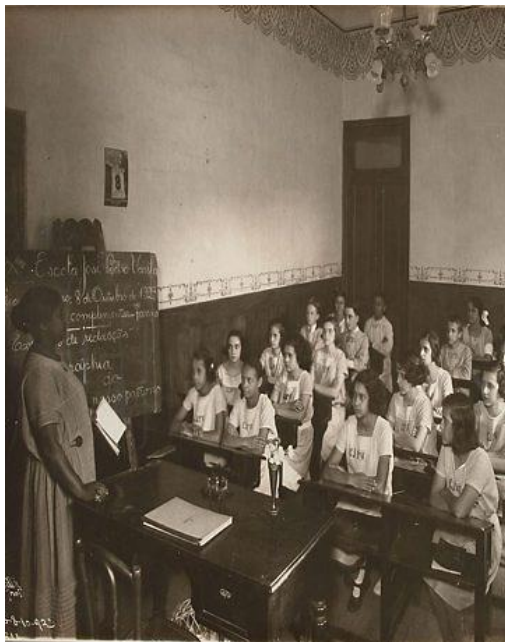


Figura 5: Professores negros. Fonte: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=899&bih=571&q=escola+de+negro&oq=escola+de+negro&gs_l=img.3...2932.8647.0.9412.26.21.0.0.0.2.406.1285.2j1j1j1j1.6.0...0.0...1ac.1.15.img.wgTfJ3CnvLo#facrc=_&imgsrc=CH97hIT3RDayOM%3A%3B8t7IUyLhm0_BM%3Bhttp%253A%252F%252F1.bp.blogspot.com%252F-EPvh5ub9cQ%252FTt1EXs6HP8I%252FAAAAAAABc%252Fax16caXPOHc%252Fs1600%252Fprofnegros.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fubuntuigualdade.blogspot.com%252F2011%252F12%252Fprofessores-negros-no-brasil.html%3B360%3B460

EPvh5ub9cQ%252FTt1EXs6HP8I%252FAAAAAAABc%252Fax16caXPOHc%252Fs1600%252Fprofnegros.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fubuntuigualdade.blogspot.com%252F2011%252F12%252Fprofessores-negros-no-brasil.html%3B360%3B460

Figura 6: Escola de negro. Fonte: http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=899&bih=571&q=escola+de+negro&oq=escola+de+negro&gs_l=img.3...2932.8647.0.9412.26.21.0.0.0.2.406.1285.2j1j1j1j1.6.0...0.0...1ac.1.15.img.wgTfJ3CnvLo#facrc=_&imgsrc=DWwy-kJ61oyqYM%3A%3Bt6t7MEhMamfvsM%3Bhttp%253A%252F%252F1.bp.blogspot.com%252F_5yFScX-upgw%252FTBO6J31gNJI%252FAAAAAAAlc%252FQcLwWKxHfNA%252Fs1600%252Fescolas.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fdianacostaeduhistoria.blogspot.com%252F2010%252F06%252Fanalfabetismo-entre-jovens-negros-e.html%3B335%3B450

kJ61oyqYM%3A%3Bt6t7MEhMamfvsM%3Bhttp%253A%252F%252F1.bp.blogspot.com%252F_5yFScX-upgw%252FTBO6J31gNJI%252FAAAAAAAlc%252FQcLwWKxHfNA%252Fs1600%252Fescolas.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Fdianacostaeduhistoria.blogspot.com%252F2010%252F06%252Fanalfabetismo-entre-jovens-negros-e.html%3B335%3B450

Muitos relatos existem sobre a dificuldade de ensinar a cultura afro-brasileira e africana nos bancos escolares. A história mostra relatos de exclusão do negro das escolas e principalmente, do processo educativo. Ainda percebemos hoje, nos ambientes escolares, a exclusão do negro que são alvos de muitos preconceitos.

Superar esse histórico de exclusão é um grande desafio, a lei 10.639/03, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações étnico-Raciais e para o Ensino de História, Cultura Afro-Brasileira e Africana foi promulgada nesta perspectiva. Como principal objetivo esta Lei quer ajudar a superar os preconceitos e eliminar as atitudes discriminatórias através de práticas pedagógicas que demonstrem maior qualidade e que incluam o estudo da influência africana na cultura nacional.

Assim, em 9 de janeiro de 2003 foi aprovada pelo Conselho Nacional de Educação a Lei 10.639 que fala sobre a obrigatoriedade de ensinar sobre a cultura afro-brasileira em todas as escolas na disciplina de História na Educação Básica. Isso instigou muitos estudiosos e professores a estudar melhor sobre a cultura deste povo e suas influências que tiveram na formação do brasileiro.

Esta Lei causou muita polêmica, pois surgiram dois grupos de pessoas: o primeiro favorável a ela que defendiam a necessidade da mesma, ajudaram a construir e deram subsídios para que a esta fosse firmada. Eles acreditavam que se existisse uma lei para proteger os direitos do negro a sociedade seria mais justa e deveria diminuir as distâncias existentes nos direitos das pessoas que aqui moravam. Por outro lado, existiam os que defendiam que tal Lei aumentaria ainda mais a distância entre os grupos raciais, que, pelo Brasil ter povos originários de diversos lugares do mundo estariam privilegiando os Afros descendentes enquanto que outros teriam menos direitos. Estas pessoas vão ainda mais longe, alegam que tal Lei fere a Constituição Brasileira, em seu artigo 206, inciso I que diz “a todos devem ser assegurados igualdade de condições para permanência e acesso a escola”, sendo assim, quando se faz

cotas para negro este direito deixa de ser cumprido, pois se privilegia os afros brasileiros.

Para que este reconhecimento seja feito com prudência é necessário que se estude de que forma ocorreu a inserção do negro na escola desde o período da Primeira República que foi aproximadamente de 1889 a 1930. Muitos estudiosos preveem que apesar da abolição da escravidão e dos direitos civis adquiridos pelo negro a partir daquela data ainda existia muito preconceito racial e sofrimento por conta deste. Por muito tempo o negro foi impedido de frequentar os lugares por onde os brancos tinham livre acesso e por muitas vezes foi sugerido a estes que ficassem fora das escolas para não constranger pessoas de “classes superiores”, os filhos dos brancos que ali frequentavam.

A escola sempre foi considerada um caminho para se chegar ao poder político, econômico e social, de ascensão e de um futuro melhor.

Para se ter noção do quanto é difícil estudar este tema, a educação negra no Brasil, somente alguns Jornais da Raça Negra são encontrados com artigos pertinentes ao trabalho aqui descrito. Moura afirma que:

Durante todo o tempo em que a imprensa negra circulou, através de jornais de pequena tiragem e duração precária, as atividades da comunidade negra brasileira, principalmente a de São Paulo, ali se refletiam, dando-nos, por isso, esses jornais um painel ideológico do universo do negro. A preocupação com a educação é uma constante. O negro deve educar-se para subir socialmente. Em todas as publicações é visível a preocupação com uma ética puritana capaz de retirar o negro de sua situação de marginalizado. (MOURA, 2002, p.6)

O maior jornal de circulação entre a raça negra no Brasil com maiores informações sobre a forma que o mesmo era tratado no período histórico aqui citado foi o Jornal Menelick. Vários artigos são encontrados em edições deste que nos proporcionou uma pesquisa melhor sobre o assunto.

Penso que, se eu fosse preto, procuraria casar-me com moça de cor, mais um pouco mais branca, para ir melhorando as condições, de modo que meus filhos tivessem uma condição melhor. Como branco, entretanto, embora não tenha repugnância por moças com algum sangue negro, não acharia hoje razoável, casar-me com uma delas, pois creio que meus filhos não me perdoariam lançá-los ao mundo para sofrerem as humilhações da cor. (FIGUEIREDO apud FREYRE, 2004, p. 596)

Diante deste pensamento registrado, podemos observar de que forma se pensava e como as pessoas agiam naquele tempo, daí passamos a compreender melhor a necessidade da Lei que se fez valer para defender os direitos humano que, mesmo sendo tão discutido, não se fazia importante. Podemos ver aqui o alto grau preconceituoso que a sociedade branca tinha em relação ao negro. Percebemos ainda, o quanto foi difícil a formação daquilo que, hoje, chamamos de identidade brasileira que estava sendo forjada por todos os que se diziam republicanos.

Sabe-se que desde o século passado, e, mesmo antes da Proclamação da República, já se discutiam e falavam da importância de um Sistema Educacional Nacional.

Já naquela época alguns historiadores como Hilsdorf (2005) já descreviam sobre a necessidade da população estudar para que um dia pudesse se equiparar a sociedade europeia. Que para uma evolução e transformação positiva, para que pudesse alcançar o progresso, o povo brasileiro deveria estudar. Somente assim alcançaríamos a modernização e o progresso.

Desta feita, a escola foi instituída para todos os imigrantes e os mesmos deveriam aceitar o Brasil como sua pátria. A escola passou a ser pensada como instrumento de doutrinação e tinha como principal função ensinar a língua pátria, a Geografia e também a História do Brasil. Acreditavam que desta forma o aluno passaria a respeitar e amar esta terra.

E o negro, como ficava sua educação escolar naquela época?

Pode-se dizer que os grupos escolares atenderam nas primeiras décadas de sua implantação, a alunos provenientes das camadas populares, no entanto, daqueles setores mais bem integrados no trabalho urbano. Desse contingente estavam excluídos os pobres, os miseráveis e os negros. As fotografias da época revelam a pequena presença de crianças negras nas classes dos grupos escolares, e isso se explica pelas péssimas condições sociais em que se encontrava a população negra da época. (SOUZA, 1998, p. 27)

Pode-se então, perceber como o negro era tratado e das dificuldades que tinha para conseguir estudar. Lembramos ainda que as escolas públicas fossem ofertadas as pessoas de melhores condições financeiras, ou seja,

donos e proprietários de terras, que tinham condições de colocar seus filhos em instituições particulares.

Com o Manifesto Republicano, que tinha como objetivo principal colocar nosso país no que chamamos de modelo capitalista, idealizado por eles, o negro ficou ainda mais desconectado do mundo, pois deixava de ser naquele tempo uma ferramenta de trabalho viva e passava a ser cidadão brasileiro. A partir de sua libertação surgiu então grandes problemas: o que fazer com estas pessoas que passavam a fazer parte da população brasileira? Quem iria trabalhar na lavoura já que os negros haviam sido libertados? Como ficaria a produção nacional já que a agricultura era a principal fonte de renda do Brasil?

Se toda preocupação com o negro é em relação a serem ferramentas, o que diríamos então sobre sua educação?

A raça negra no Brasil, por maiores que tenham sido os seus incontestáveis serviços à nossa civilização, por mais justificadas que sejam as simpatias de que a cercou o revoltante abuso da escravidão, por maiores que se revelem os generosos exageros dos seus proprietários, há de constituir sempre um dos fatores de nossa inferioridade como povo. (RODRIGUES, 1977, p. 7)

A escola pública brasileira não se preocupou com o negro. Mesmo após sua libertação continuou à margem dos direitos humanos neste país. Poucas oportunidades tiveram de progredir sem estudos. Isso fez com que sua marginalização se agravasse a cada dia.

Portanto, tornou-se necessária uma Lei para que os negros tivessem acesso aos bancos escolares de forma igualitária e menos preconceituosa do que vinham tendo. Como isso foi comprovado para que tal Lei fosse criada? Através dos índices de analfabetismo desta população em nosso país.

Foram criadas, no Brasil, várias escolas destinadas somente à educação do negro, devido à dificuldade que os mesmos enfrentavam para ingressar no ensino público. Podemos citar o Colégio São Benedito, de Campinas (1902), o Colégio Perseverança ou Cesarino, em Campinas (1860), Escola Primária Clube Negro Flor de Maio, São Carlos-SP e a Escola Ferroviária de Santa Maria do Rio Grande do Sul, também podem observar a escola criada no Quilombo pelo negro Cosme, entre outras.

Somente a partir da década de 60 foi que o ingresso do negro ao ensino público brasileiro tornou-se rotineiro, porém, as relações entre os alunos continuavam ainda discriminatórias. A partir de 70, com tudo que se apresentava foi que os negros passaram a fazer denúncias, a cobrar do governo uma posição onde o mesmo não pudesse ser discriminado e que estes tivessem seus direitos de igualdade, conforme consta na Constituição, garantidos.

Para que os conteúdos de sua cultura fossem incorporados às disciplinas escolares foram necessárias várias Leis e Projetos de Leis em diversos lugares neste país.

Atualmente o Brasil pode ser considerado um país com características multiétnicas respeitadas, porém, ainda com necessidades de um currículo

oficial que seja embasado na pluralidade cultural e que este faça parte de conteúdos transversais na Educação Básica.

A importância da Lei 10.639/2003 é que ela vem para propor ações e igualar os direitos daqueles que tem interesse em ingressar na educação pública e privada. Se tivermos políticas públicas que demonstrem interesse em reconhecer o negro e sua cultura na formação do povo brasileiro poderemos então acreditar num país democrático e justo. Assim, esta Lei vem propor ações que se preocupem com o desenvolvimento humano, e permita que o negro no Brasil seja menos excluído e marginalizado.

Tal Lei vem reconhecer que existem os descendentes Africanos, sua trajetória, bem como sua condição de sujeito na construção desta nação.

Temos de compreender que tudo que está proposto na Lei vem para contribuir, melhorar, ampliar o processo de democratização de toda educação brasileira.

Permitirá que se desenvolvam muitas ações reais em favor dos negros brasileiros buscando amenizar as diferenças nos índices quando falamos de negros e brancos, diminuindo assim a discriminação racial, social, política e econômica.

Do total de universitários brasileiros, 97% são brancos, 2% de negros e 1% de descendentes de orientais. Sobre os 22% dos brasileiros que vivem abaixo da linha da pobreza 70% deles são negros. Sobre 53 milhões de brasileiros que vivem na pobreza, 63% deles são negros.

Percebemos que é um grande desafio quando falamos num país pluricultural, que respeita os direitos iguais, com iguais condições de escolaridade, de ascensão social, de saúde, entre tantas outras coisas.

Em que poderemos repensar? Poderemos repensar então em um novo perfil de professor e aluno que se preocupem com suas relações e ajuda, adquira conhecimento da história e cultura afro brasileira, pensar talvez, e por que não, em um novo modelo de educação onde se priorizem o povo e a raça brasileira e não somente a europeia como se vê ainda nos dias atuais nos bancos escolares. Por esta necessidade foi que precisamos criar Leis que defendessem o direito e desigualdade neste País.

Encontramos ainda muitas dificuldades para que se aplique esta Lei no ambiente escolar. Um dos problemas para que este fato não aconteça é o despreparo por parte dos profissionais da educação sem saber de que forma fazer isso. Em segundo lugar podemos observar a escassez de material de estudo sobre o tema do afro brasileiro e africano no Brasil. Ainda temos de enfrentar ainda o preconceito de algumas instituições. Conforme podemos observar a forma como foi implantado ditatorialmente o tema fez com que alguns professores rejeitassem o mesmo e dificultassem ainda mais o trabalho e implantação deste na escola. As políticas educacionais que estão sendo implantadas pelo MEC podem facilitar a aplicabilidade nas redes públicas de ensino.

Podemos observar também, ainda nos dias atuais, a falta de livros didáticos apropriados com conteúdos adequados o que também vem

dificultando o ensino nas escolas brasileiras no que diz respeito à cultura Africana.

Kabenguete Munanga⁷, afirma que existe uma defasagem de informações, ou que pela falta de atualizações as mesmas são passadas de forma incorreta pelos livros distribuídos nas escolas ainda nos dias atuais.

Alguns professores, tais como Débora Adão⁸, relatam inclusive sobre algumas piadas inseridas nestes livros que denigrem a imagem do negro em nosso País.

Todos concordam com um fato, apesar das coisas a serem melhoradas, muitas delas devem e podem ser aproveitadas, pois temos material de grande qualidade distribuído pelas editoras e governos.

Os professores relatam ainda que os alunos aprendem com maior facilidade sobre o assunto quando as atividades vão além das aulas.

O trabalho com a música, com dança, com teatro, ou outra forma qualquer de expressar a cultura negra trabalhada associada à matéria escrita dão maior ênfase, e ficam gravadas com melhores índices de aproveitamento e ainda, o uso da imagem fortalece mais ainda o elo existente entre a cultura afro brasileira.

Segundo o MEC (Ministério da Educação), em 2004, o CNE (Conselho Nacional de Educação) estabeleceu que a responsabilidade de regulamentar e desenvolver as diretrizes previstas pela lei 10.639 é dos Conselhos de Educação Municipais, Estaduais e do Distrito Federal. Além disso, cada sistema deve fazer o controle das unidades da sua rede de ensino encaminhando um relatório de atividades ao MEC, à SEPPIR (Secretaria de

⁷ Para Kabenguete Munanga, professor de sociologia da USP e vice-diretor do Centro de Estudos Africanos da instituição, os livros didáticos,

⁸ Professora de língua portuguesa Débora Adão, da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Vila Ursolina, de São Paulo.

Política de Promoção da Igualdade Racial) e ao CNE (Conselho Nacional de Educação) anualmente.

Os gestores de ensino nas escolas devem incentivar pais e professores a discutir as bases curriculares dos projetos pedagógicos das escolas levando em conta as temáticas previstas pela lei. Também é recomendado que as escolas procurem formas de pedir financiamento para Ministério da Educação, prevendo, por exemplo, a disponibilidade de obras para qualificar os projetos pedagógicos da instituição de ensino.

Existe a obrigatoriedade do cumprimento da Lei 10.639 em todo território Nacional até 2015, assim, as escolas, editoras, professores, alunos devem estar preparados para o cumprimento do que expressa a Lei. Esta determinação está prevista no Plano Nacional de Implementação.

As Escolas do Paraná, no tempo coevo, fazem parte através da Equipe Multidisciplinar, de um programa do governo que trabalha diretamente com a diversidade cultural. São desenvolvidas atividades que valorizam a cultura e priorizam a compreensão de todos que ali convivem da necessidade de respeitar culturas e povos diferentes. Com ênfase no afro-brasileiro são desenvolvidos vários projetos para divulgação da importância do mesmo e da contribuição deste povo para nossa cultura. Nesta equipe está presentes membros do Conselho Escolar, o que torna mais forte a aplicabilidade nas escolas.

Nos Projetos Políticos Pedagógicos das escolas públicas do Paraná já são obrigatórios a inserção e valorização da cultura afro, indígena, entre outros tantos que estão sendo obrigatórios pela legislação. Já foram adaptados para cumprimento da parte legal solicitada pelo governo, porém, devido à falta de

materiais didáticos, muitas escolas ficam com a prática somente no papel, ou seja, no PPP. A prática ainda deixa muito a desejar. O Conselho Escolar deve trabalhar também na fiscalização deste assunto para que o mesmo esteja sendo implantado.

O MEC (Ministério da Educação e Cultura) promove semestralmente, cursos de pós graduação à distância e presencial sobre diversidade cultural, visando à capacitação dos profissionais da Educação para trabalhar adequadamente a cultura africana nas salas de aulas.

Alguns professores preferem trabalhar a cultura afra a partir da própria família dos alunos, porém, deve-se tomar cuidado com tais atitudes, pois muitas destas famílias estão inseridas na cultura europeia e acabam por desconhecer sua própria origem. Quanto mais simples e humilde menos conhecimento de sua própria cultura ela apresenta. Acabam, devido à necessidade, inseridas em culturas de outras raças esquecendo-se de suas origens. Sabem pouco do que lhes foram repassados pelos seus ancestrais. Assim, torna-se muito importante que o professor esteja preparado para trazer a este povo e demonstrar aos que lhe cercam como é, realmente, sua descendência.

As famílias também podem e devem contribuir com a aplicação da Lei 10.639/03 nas escolas. Sempre buscar superar os preconceitos, não permitir atitudes discriminatórias, valorizar sua cultura. Se perceberem que está ocorrendo discriminação solicitar junto às direções que promovam projetos e atividades que valorizem o negro e seus descendentes africanos evitando assim que ocorra discriminação por falta de conhecimento por parte de outros alunos. O que se percebe é que muitas vezes as discriminações racistas

ocorrem por ignorância da população. Comentar, valorizar e saber expressar com dignidade os temas diminui, ou quase eliminam os preconceitos raciais nos ambientes escolares. O que se precisa saber é que estas crianças serão os futuros cidadãos de nosso país e se forem bem orientadas agora no futuro não teremos mais necessidades de tantas leis para evitar os preconceitos existentes. Por isso, as participações dos pais são extremamente importantes nas Associações de Pais e Conselhos Escolares.

"Se o pai tiver conteúdo sobre o tema, deve passá-lo à escola para incentivar a abordagem dentro do currículo da instituição. Tal recomendação é feita por uma especialista da Universidade Santa Cruz, Ilhéus, Bahia, Rachel de Oliveira. Os pais têm não somente o direito, porém, o dever de colaborar com a educação e a instituição onde seu filho está matriculado.

A escola pode promover programas onde os alunos convivam de forma prática com a cultura negra, por exemplo, podem realizar visita a museus, parques, documentários, filmes, entre outras atividades que podem ser desenvolvidas como exposições no próprio ambiente escolar, palestras, etc.

Devemos lembrar que:

A questão racial não é exclusiva dos negros. Ela é da população brasileira. Não adianta apoiar e fortalecer a identidade das crianças negras, se a branca não repensar suas posições. Ninguém diz para o filho que deve discriminar o negro, mas a forma como se trata o empregado, as piadas, os ditos e outros gestos influem na educação. (CANDAU, 2003. p.29-30).

7. LITERATURA



Figura 7: Literatura brasileira. Fonte:

http://www.google.com.br/search?newwindow=1&biw=1092&bih=507&q=literatura%20afro-brasileira&um=1&ie=UTF-8&hl=pt-BR&tbm=isch&source=og&sa=N&tab=wi&ei=ZkciUqG_O42A8gSTgIHIDw#facrc=_&imgdii=_&imgsrc=Bmn cq23LmxgtEM%3A%3Beay23ll_DOib5M%3Bhttp%253A%252F%252F3.bp.blogspot.com%252F-ypD4HQDqCEU%252FT4gQsCf-oKI%252FAAAAAAAAE-0%252FG-ocJEwOfWY%252Fs320%252FLiteratura%252BAfro-brasileira.jpg%3Bhttp%253A%252F%252Ffazervaleralei.blogspot.com%252F2012%252F04%252Fufs-promove-curso-literatura-afro.html%3B390%3B480

A literatura afro-brasileira é uma parte da literatura do Brasil que se estendem também publicações de pesquisa de campo dos trabalhos de sociologia, antropologia, etnologia, música linguística, botânica entre outro.

Alguns escritores brasileiros, como o advogado Edson Carneiro, o médico legista Nina Rodrigues, Jorge Amado, o poeta e escritor mineiro Antonio Olinto, o escritor e jornalista João Ubaldo, o antropólogo e museólogo Raul Lody entre outros e os estrangeiros como o sociólogo francês Roger Bastide, o fotografo Pierre Verger, a pesquisadora etnóloga estadunidense

Ruth Landes, o pintor Caribé, se doaram trabalhosamente na busca de dados para contar esse lado da história do Brasil que ainda não tinha sido escrita detalhadamente, já João do Rio e outros se introduziram nas religiões afro-brasileiras para esse propósito, outros foram convidados a fazer parte do Candomblé como membros permanentes recebendo cargos honoríficos como Obá de Xangô⁹ no Ilê Axé Opô Afonjá¹⁰ e Ogan na Casa Branca do Engenho Velho, Terreiro do Gantois, os quais ajudavam financeiramente a manter esses terreiros.

Sacerdotes leigos em literatura se dispuseram a escrever contando a história das religiões afro-brasileiras e conseguiram a ajuda de acadêmicos simpatizantes ou membros dos candomblés.

Outros por terem uma formação acadêmica se converteram em escritores na mesma proporção que eram sacerdotes como é o caso dos antropólogos Júlio Santana Braga e Vivaldo da Costa Lima, as Iyaxiruxas Mãe Stella e Giselle Cossard também conhecida como Omindarewa a francesa, professor Agenor Miranda a advogada Cleo Martins, o professor de sociologia Reginaldo Prandi, e outros.

⁹Título honorífico do Candomblé criado no Axé Opô Afonjá por Mãe Aninha em 1936, esses títulos honoríficos de doze Obás de Xangô, reis ou ministros da região de [Oyo](#), concedidos aos amigos e protetores do Terreiro.

¹⁰ Ilê Axé Opô Afonjá, (*Casa de Força Sustentada por Afonjá*), Centro Cruz Santa do Axé do Opô Afonjá, fundada por Eugênia Ana dos Santos, em 1910..

8. CONCLUSÃO

Considerar a diversidade não significa negar a existência de características comuns, nem a possibilidade de constituirmos uma nação, ou mesmo a existência de uma dimensão universal do ser humano. Pluralidade Cultural quer dizer a afirmação da diversidade como traço fundamental na construção de uma identidade nacional que se põe e repõe permanentemente, e o fato de que a humanidade de todos se manifesta em formas concretas e diversas de ser humano. (PCN, 2001, p. 16)

Desde a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), 2001, ouvimos falar sobre a Pluralidade Cultural. Neste documento o governo descreve sobre as relações sociais discriminatórias e excludentes pelas quais está passando a sociedade brasileira, assim, vieram de encontro à necessidade desta discussão em sala de aula pelos alunos maiores. Ele visa ainda, levar ao conhecimento dos alunos a guerra pelas injustiças sociais, os problemas vividos no Brasil e as transformações pelas quais passamos buscando uma melhor qualidade de vida a todos os pacientes ou não daqui.

Vivenciando esta prática nas escolas, podemos possibilitar aos alunos o conhecimento de diferentes culturas, seus hábitos, seus costumes, sua história, enfim, tudo o que possa levá-los desde criança a respeitarem a pluralidade cultural pela qual enfrentamos.

Mesmo com tantos avanços na educação ainda verificamos que nossos alunos têm muitos direitos lesados quando observamos situações de exclusão sociais, tão priorizada no grupo social no qual vivemos.

Ambas, desigualdade social e discriminação se articulam no que se convencionou denominar “exclusão social”: impossibilidade de acesso aos bens materiais e culturais produzidos pela sociedade, e de participação na gestão coletiva do espaço público — pressuposto da democracia. Por esse motivo, já se disse que, na prática, o Brasil não é uma sociedade regida por direitos, mas por privilégios. O privilégio, por sua vez, assenta-se em discriminações e preconceitos de todo tipo: socioeconômico, étnico e cultural. Em outras palavras, dominação, exploração e exclusão interagem; a discriminação é resultado e instrumento desse complexo de relações. (PCN, 2001, p. 19)

Percebe-se que, apesar de todos os esforços, não podemos negar o sofrimento do negro em relação a discriminação e das caracterizações em relação a sua cultura e raça nos ambientes escolares. Isto nos posiciona a compreender que cada vez mais precisamos trabalhar com a Pluralidade Cultural, pois a compreensão dessa temática levará nosso aluno, sem falta, a uma melhor compreensão do mundo em que vivemos somente desta forma que poderemos dizer que exercemos a cidadania.

Os PCNs e as legislações pesquisadas deixam clara a necessidade de pararmos de usar estereótipos nos livros didáticos para que assim, e somente assim, seja caracterizada fielmente a raça negra neste País.

Pode-se observar ainda, que pessoas pertencentes a sociedades tradicionais não aceitam com bons olhos as mudanças pelas quais o país está passando.

É uma árdua tarefa, porém, é responsabilidade de toda sociedade fazer com que as pessoas sejam transformadas, para que diminuam, ou ainda, que se extingam o preconceito, para que os valores principais de boa convivência seja menos dificultoso, assim, as instituições de ensino não podem, nem devem fazer parte de uma sociedade excludente nem devem promover as desigualdades sociais.

Segundo Carone, 1978, no Brasil existem uma miscelânea de cultura e raça. Aqui se encontram negros, brancos, europeus, asiáticos e diversos outros povos que forma esta sociedade tão heterogênea e diversificada com tanto intercâmbio social. Mas o que vemos é um ferir de nossa democracia sempre que infringimos a legislação e fechamos os olhos para que acontecesse e ainda acontece por aqui.

O que precisamos ainda discutir são as dificuldades em relação a redução das práticas racistas nas escolas.

Conhecer e valorizar a pluralidade étnocultural brasileira; valorizar as várias culturas presentes em nosso país; reconhecer as qualidades de cada cultura, valorizando-as criticamente; repudiar todo tipo de discriminação seja ela de ordem religiosa, étnica, sexual, entre outras; valorizar um convívio pacífico e criativo entre os diferentes; por fim compreender a desigualdade como um problema social passível de mudanças (SOUZA, MOTTA, 2002, p. 46).

Souza é bem claro em sua explicação quando relata a necessidade de valorizar as diferentes culturas existentes em nosso País, pois temos aqui um grande potencial tratando-se da pluralidade de raças e costumes. Trata

também da riqueza e contribuição que esta diversidade cultural deixa para nosso povo. Que devemos valorizar cada objeto ou fala relacionada a culturas diferentes. Que nossas escolas estão com muitos alunos de outras culturas e raças convivendo pacificamente e que assim deve continuar. Que deve deixar de existir o preconceito quanto a pessoas de culturas e raças diferentes e em sua convivência. Que o Ensino de História afro-brasileira consta na legislação vigente e tem como intuito principal a união de raças diferentes.

Os livros de literatura brasileira também diferem, e muito, do que está constando na proposta de hoje, pois vários livros apreciam clássicos, como por exemplo: “O bom Crioulo”, e outros até citados como literatura para vestibular, discriminação cultural. Por muitas vezes, percebe-se que até os currículos são discriminatórios e excludentes, pois muitas vezes ele se adéqua ao livro didático, diferentemente do que está sendo trabalhado na legislação. Muitos de nossos livros ainda trazem fatos europeizados, sem trabalhar como deveriam a cultura afro-brasileira.

As estatísticas comprovam ainda que no Brasil negros e pardos estudem bem menos que brancos. SOUZA, 2002, ainda afirma que existe uma discriminação muito grande dos que ingressam nas escolas e dos que se formam.

O governo tem adotado algumas medidas para reduzir o problema da discriminação, até a adoção de cotas para que os afro-brasileiros conseguissem concluir seus estudos o governo implantou, mas o que percebemos é que problemas culturais sempre foram e ainda são sérios em

nosso País, pois os índices de analfabetismo e baixa escolaridade do negro estão bem elevados até os dias atuais.

É muito complicado descrever sobre a pluralidade cultural, sobre a diversidade, sobre políticas públicas, pois nos deparamos com muitas dificuldades e divergências, pois o assunto é muito complexo.

Reconhecemos que estudar desde pequenos sobre esta diversidade e que fazemos parte de um mesmo universo inter-racial, estas medidas tem resolvido grandes problemas que foram constatados anteriormente no âmbito escolar.

Em 1988, foi constitucionalizado que os direitos são iguais, que temos igualdade de condições e que a discriminação social é crime.

Observa-se, após esta pesquisa, que o que ainda falta é desenvolver um plano educacional que contemple a pluralidade cultural, com metas e objetivos interdisciplinares, onde a área de abrangência fosse as disciplinas de História, de Geografia, Sociologia, Língua Portuguesa, a Antropologia e a Psicologia.

As práticas pedagógicas devem mostrar o quanto são incoerentes e o repúdio que tem quanto às situações racistas, devem demonstrar ainda o conhecimento da cultura que irá trabalhar e associá-las ao conhecimento utilizando as mesmas como meio de aprendizagem.

Devemos verificar e colocar em prática os antigos ensinamentos de que cada pessoa é única e merece o devido respeito e atenção. Que todos

podem e devem conviver pacificamente dentro da mesma Pátria ou em locais diferentes, porém, que se torne isto normas gerais, regras de educação básica e de boa convivência, de respeito, valorização e dignidade.

O professor tem o dever de mediar e romper com o trauma causado por muitos séculos, com o preconceito instaurado que reflete na aprendizagem dos alunos e na educação deste povo.

Finalmente, podemos concluir que se vive, ensina-se e aprende-se a diversidade porque para viver é preciso conhecer o outro, suas diferenças, semelhanças e assim existir um maior desenvolvimento da aprendizagem.

9. REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. *Cultura e Opulência do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil, promulgada em 05/10/1998*. Brasília: Senado Federal, 1998.

BRASIL. *Lei 10.639*. Inclui a obrigatoriedade da temática **História e Cultura Afro-Brasileira no Currículo da Rede de Ensino**. Diário Oficial da União, 2003.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96*. Diário Oficial da União. Brasília. 1996.

BRASIL. Brasília- *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino História e Cultura Afro Brasileira e africana* DF, 2004.

CANDAU, Vera Lúcia. *Somos tod@s iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*. 43 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HILSDORF, Maria Lucia Speedo. *História da Educação Brasileira*. São Paulo: Thompson, 2005.

http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/_GT2%20PDF/O%20NEGRO%20NO%20PENSAMENTO%20EDUCACIONAL%20BRASILEIRO%20DURANTE%20O%20PER%CDODO%20DE.pdf

<http://www.webartigos.com/artigos/a-influencia-africana-no-processo-de-formacao-da-cultura-afro-brasileira/21319/#ixzz2O7jRZdJJ>

KAVINAFÉ, Tata Kisaba: ***O sacrifício do povo africano cultura Afro - Americana.*** Disponível em:

<http://www.ritosdeangola.com.br/Historico/historico04.htm>. Acesso em 15 Abril. 2013.

MOURA, Clóvis. ***A Imprensa Negra em São Paulo in Imprensa Negra. Estudos críticos de Clóvis Moura.*** Legendas de Miriam N. Ferrara. São Paulo. Imprensa Oficial: Sindicato dos Jornalistas no Estado de São Paulo, Edição Fac-Similar, 2002.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e Universo Cultural na Colônia*. Minas Gerais: UFMG, 2001.

SOUZA, I. S, MOTTA, F. P. C, FONSECA, D; ***Estudos sociológicos e antropológicos.*** São Paulo; 2002

VAINFAS, Ronaldo. ***Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808).*** Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

UNICEF - Manual dos Afrodescendentes das Américas e Caribe – Mundo Afro